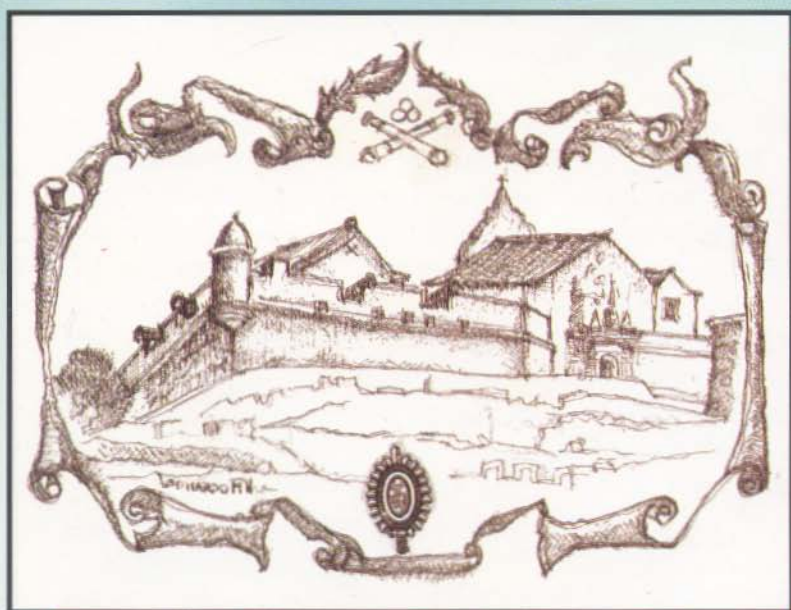




MUSEU MILITAR DO FORTE DO BRUM



MUSEU MILITAR DO FORTE DO BRUM



FORTE DO BRUM

Marcos Albuquerque

Aproximava-se o final do século XVI. A Capitania de Pernambuco já se encontrava florescente e integrava-se ao complexo colonial português na América. Além dos produtos nativos, como o pau brasil, o algodão e algumas essências, o açúcar pernambucano já representava um importante papel para a economia colonial. Novas vilas e povoados se implantavam, novos engenhos eram instalados, observava-se um indiscutível processo de florescimento. Havia o acúmulo de bens e capital, conseqüentemente havia o que ser saqueado e portanto o que ser defendido. A despeito da capitania já se encontrar em fase próspera, a sua defesa, ao que parece, não foi muito privilegiada neste primeiro século de sua existência. Apenas algumas baterias e pequenos fortes guarneciam pontos considerados mais vulneráveis.

Mas, a segurança da entrada do porto do Recife foi alvo da preocupação dos primeiros colonizadores. O seu guarnecimento, significava a segurança dos que aqui se instalaram e produziam. O ataque mais temido deveria vir pelo mar. Não eram os indígenas que mais preocupavam os colonizadores nesta época, mais sim outros europeus que se aventuravam na busca de riquezas e de novas terras por conquistar.

Já em 1595, o Recife foi alvo de um ataque pirata, comandado por James Lancaster. A fragilidade da defesa da capitania permitiu o ataque e a ocupação do Recife por 34 dias, seguida de pilhagens. Em frente ao porto do Recife, nesta ocasião, havia para defendê-lo apenas uma pequena bateria, artilhada com sete peças. A este mesmo tempo, piratas franceses, com os mesmos objetivos dos ingleses que já haviam tomado o Recife, aproximaram-se e desembarcaram na povoação. Em virtude de já se conhecerem, e terem-se ajudado mutuamente em outras ocasiões, os piratas aliaram-se, tornando mais intensa a pilhagem realizada. Carregamentos de pau brasil, jóias, prataria e alfaias de igreja incorporaram-se ao patrimônio dos piratas.

A resistência dos pernambucanos, em terra, causou algumas dezenas de baixas entre os piratas que resolveram levantar ferros e partir com sua frota abarrotada com os frutos do saque.

Este ataque, embora danoso para a capitania emergente, deve ter provocado reflexões quanto à segurança do litoral e sobretudo a do porto do Recife. Inegavelmente constituiu-se em uma experiência de cunho didático para os colonizadores, que constatarem, de forma prática, a fragilidade defensiva da capitania.

No final do século XVI, e começo do seguinte, construiu-se o Forte de São Jorge, projetado pelo padre jesuíta Gaspar de Samperes. Em 1612 foi concluído o Forte de São Francisco, projetado pelo engenheiro Tibúrcio Espanhochi e executado pelo também engenheiro Francisco de Frias da Mesquita. O Forte de São Jorge, foi conhecido também como Forte de Terra ou Forte Velho, enquanto que o de São Francisco, como Forte da Laje, Forte do Mar ou ainda Forte do Picão.

Ambos os fortes, o de São Francisco e o de São Jorge, tinham como missão precípua o guarnecimento do porto, e conseqüentemente da principal entrada para o Recife. Deveriam integrar-se a outros que constituiriam uma linha de defesa contra atacantes vindos pelo mar.

Antes da integralização desta linha de defesa, em 1629, a Inteligência da época, informou ao Rei da Espanha e Portugal que a Companhia das Índias Ocidentais da Holanda pretendia atacar a Capitania de Pernambuco. Ciente da invasão iminente, o rei adotou providências preventivas objetivando a defesa da colônia. Dentre as providências adotadas, determinou a vinda imediata de Matias de Albuquerque para Pernambuco.

Chegando a Pernambuco, Matias de Albuquerque procurou reforçar a defesa da capitania. O seu conhecimento militar, associado ao conhecimento da situação, sobretudo por já ter governado a capitania, entre os anos de 1620 e 1626, sugeriu a construção imediata de um forte. A escolha do local para a construção do novo forte, coincidiu com aquele em que existira uma pequena bateria, quando do ataque do pirata James Lancaster, em 1595. Esta bateria, que fora reparada durante o governo de Matias de Albuquerque, se encontrava em ruínas, quando de seu retorno ao Recife, em 1629.

De acordo com esta perspectiva defensiva, inicia-se, em fins de 1629, a construção de um novo forte, em frente a barra do porto do Recife. Este forte seria erguido a aproximadamente 180 metros ao norte, do já existente Forte de São Jorge.

Visando garantir aquela estratégica posição de defesa, a barra do porto do Recife, teria assim a sua defesa reforçada, somando-se este novo forte aos outros dois já existentes.

Diogo Pais, homem nobre e rico da capitania, incumbiu-se da construção do forte, financiando as obras; empenhou-se na sua edificação, acreditando no seu potencial defensivo. O forte foi planejado com quatro baluartes e seria conhecido como Forte de Diogo Pais.

A opção de Matias de Albuquerque pela localização desta fortificação, reforça a importância estratégica do local, o que já fora identificado por ocasião da instalação da bateria que a antecedeu.

Diogo Pais, entretanto, não teve oportunidade de ver a sua obra concluída. A despeito das providências adotadas pelo rei e das diligências de Matias de Albuquerque, o tempo decorrido entre a informação das intenções da Companhia das Índias Ocidentais da Holanda e a consumação da invasão, não foi suficiente para que a capitania tivesse concluído as suas obras de defesa. Os alicerces do Forte de Diogo Pais estavam prontos e o forte começava a se levantar, quando, a 28 de fevereiro de 1630, os holandeses atacaram o Recife. Os invasores, vindos de Olinda pelo istmo, ocuparam os alicerces do Forte de Diogo Pais e lá instalaram uma bateria que foi armada com seis peças de artilharia. A ocupação desta posição reforça, mais uma vez, a importância do local para os conceitos estratégicos da época.

A partir desta bateria, os holandeses abriram fogo contra os dois fortes já existentes, o de São Francisco e o de São Jorge. Estes fortes, apesar de sua construção em pedra, não ofereciam grande resistência aos impactos da artilharia. Suas estruturas de paredes altas e retas, concebidas ainda sob forte influência das necessidades de defesa contra os arcos e as bestas, não resistiam ao impacto dos canhões. As três peças holandesas, de 25 libras, voltadas contra o Forte de São Jorge, destruíram praticamente todo o seu parapeito. Os defensores deste forte, utilizaram-se inclusive de sacos de algodão, colocados em seu reparo, sem que tenham tido sucesso. O impacto, embora amortecido pelo algodão, transferia grande parte de sua energia para as muralhas do forte que rapidamente cederam à cadência do ataque.

Em 2 de março de 1630, os dois fortes, o de São Jorge e o de São Francisco, passaram para o domínio holandês. Com a queda destes fortes e a posse da bateria localizada nos alicerces do Forte de Diogo Pais, os invasores assenhoraram-se do complexo defensivo do Porto do Recife.

Já no início do mês seguinte, portanto abril de 1630, o coronel Diederik van Waerdemburch, comandante das tropas invasoras, resolveu construir um forte no local da bateria holandesa, que ocupava os alicerces do Forte de Diogo Pais. Novamente reforça-se a idéia da importância estratégica desta porção do litoral, em frente à entrada dos navios, como ainda da importância deste porto, como a principal porta de contato com o além mar. Este forte, que posteriormente seria conhecido pelos luso-brasileiros como Forte do Brum, deve seu nome ao conselheiro político Johan de Bruyne.

Considerando-se o posicionamento da entrada da barra, observa-se que durante o procedimento de aproximação, os navios, após contornar o arrecife, necessariamente aprofundam em direção ao forte, o que lhe confere uma extraordinária condição defensiva.

Em maio de 1630, conhece-se a planta do novo forte, que foi traçada pelo engenheiro holandês Commersteyn, com a aprovação do coronel Diederik van Waerdemburch, tendo como empreiteiros Ludolf Nieuwenhuysen e Joris Bos.

As obras da nova fortaleza holandesa tiveram início, portanto, em um período de inverno, agravado ainda pelo desconhecimento pormenorizado da região. As dificuldades, portanto, não se limitaram apenas ao período das chuvas, mas ainda ao acesso ao material de construção como tijolos, pedra e cal, além de mão-de-obra especializada.

Os luso-brasileiros, por seu turno, não davam tréguas aos construtores da nova fortificação. Assediaram-na por diversas vezes, demolindo o que os holandeses construíam. O coronel Diederik van Waerdemburch, preocupado com o retardo das obras e com a ameaça de perder a posição conquistada, determinou o levantamento imediato de uma forte estacada. Esta construção consistiu na colocação de fortes estacas nas quais foram pregadas tábuas em ambos os lados e recheadas de areia. Este procedimento, aliado à colocação de estacas pontiagudas na parte externa da construção, dificultou consideravelmente os novos ataques dos luso-brasileiros. Estes ataques, que se sucediam, agora já não causavam maiores danos à construção.

Paralelamente à construção do Forte de Bruyne, os holandeses levantaram mais dois fortes, um deles situado mais ao norte, e que homenageou a esposa de Johan de Bruyne, e o outro, que recebeu o nome de Waerdemburch, em homenagem ao comandante holandês. O primeiro deles, chamado "Madame Brum", ficou mais conhecido pelos luso-brasileiros como Forte do Buraco, enquanto que o segundo,

construído nos alagados de Santo Amaro das Salinas, ficou mais conhecido como Forte das Três Pontas. Estes dois fortes, juntamente com o do Brum, garantiriam aos holandeses sua posição no Recife.

O Forte do Brum, situado no istmo que ligava Recife a Olinda, era praticamente banhado a leste pelo mar e a oeste pelo Rio Beberibe. O observador atual, situado no baluarte leste e que olhe para o mar, deve abstrair a faixa de terra que hoje separa o Forte do Brum do Porto do Recife. Toda esta faixa de terra constitui-se em aterro recente que se relaciona com a configuração atual do Porto de Recife. Esta proximidade com o mar, exigiu uma adequação da planta do Forte do Brum, às condições do terreno, na situação da época de sua construção. A forma quadrangular interna foi mantida, entretanto os bastiões, em número de quatro, foram prejudicados em decorrência da proximidade com o mar: a leste, apenas dois meios bastiões foram construídos.

Havia, na época, tecnologia para construção de obras banhadas pelo mar, entretanto, deve ser considerado, que o Forte do Brum foi construído em tempo de guerra, conseqüentemente em ritmo acelerado. Os holandeses, optando por uma postura pragmática, preferiram sacrificar dois meios bastiões, que erguê-los completamente, em luta contra o mar. A sua construção em faxina e areia, recoberto com lama, era comum em sua época. Esta técnica construtiva, embora requeira reparos freqüentes, sobretudo quando utilizada em regiões de grande pluviosidade como é o caso do Recife, oferece algumas vantagens defensivas. A energia do impacto provocado por um projétil de canhão sobre uma muralha de terra ou areia, é mais absorvida e conseqüentemente dissipada, que o mesmo impacto sobre uma muralha de pedra. Além deste inconveniente, o impacto sobre uma muralha de pedra freqüentemente provoca estilhaços que podem atingir os defensores da fortificação, reforçando, conseqüentemente, o poder do atacante.

Concluídas as obras, o Forte do Brum foi artilhado com dois canhões de vinte e quatro libras, um de dezoito, um de dezesseis, um de dez libras, além de duas bombardas.

A constante reação luso-brasileira estava prestes a promover novamente uma outra troca de bandeira no Forte do Brum, o que veio a ocorrer em 1654, após os holandeses terem sido derrotados na segunda batalha ocorrida nos Montes Guararapes.

Três anos após a retirada dos holandeses, mais uma vez o local é reconhecido como de grande relevância estratégica. Em 18 de setembro de 1667, o então Governador Bernardo de Miranda

Henriques, solicita ao Rei, permissão para restaurar o Forte do Brum, considerando a sua posição para a defesa da capitania.

Atendendo aos reclamos dos que se preocupavam com a defesa da capitania, o Príncipe Regente de Portugal nomeou, em 15 de dezembro de 1668, para ocupar o cargo de Engenheiro de Pernambuco, Antônio Correia Pinto. Em Pernambuco, o engenheiro após avaliar a situação em que se encontrava o Forte do Brum, elaborou a planta para a sua reconstrução.

O problema de obtenção de matéria-prima encontrado pelos holandeses, para a construção do Forte do Brum, foi também vivenciado pelos luso-brasileiros. A formação geológica das cercanias do forte não oferece nem pedras, nem argila para tijolos e telhas. Nas proximidades do forte não ocorrem nem granito nem calcário. Ocorre apenas arenito, e mesmo assim, tão somente aqueles que se constituem na linha de arrecifes que abriga o porto do Recife. Foram, portanto, esses arrecifes que forneceram a grande parte da matéria prima necessária à reconstrução do Forte do Brum. Apesar da proximidade dos arrecifes, a obtenção de pedras não foi tarefa simples. O trabalho apenas podia ser realizado no período das baixas mar das marés altas, ou de águas vivas. Esta condição reduzia o número de horas dos trabalhos diários, bem como dos trabalhos mensais, de cavoucar as pedras dos arrecifes. Mas, as pedras utilizadas no Forte do Brum não foram retiradas apenas dos arrecifes; grande parte do material utilizado na sua reconstrução é oriundo das ruínas do Forte de São Jorge, que ao que parece não fora reconstruído após a invasão holandesa.

A administração da reconstrução do Forte do Brum, esteve a cargo da Câmara de Olinda, entretanto, a partir de 1671, esta administração passou à responsabilidade de João Fernandes Vieira, na qualidade de Superintendente das Obras de Fortificação da Capitania de Pernambuco.

Embora em 1680 as obras do Forte do Brum já estivessem bastante adiantadas, apenas em 1690 foram efetivamente concluídas, quando era governador da Capitania de Pernambuco, Antônio Luiz Gonsalves da Câmara.

Após ter cumprido sua missão de guarnecimento do Porto do Recife, o Forte do Brum vivenciou diferentes ocupações até os dias atuais.

Em 1986 o Forte do Brum tornou-se alvo de novas preocupações, agora como monumento, que guarda em seu espaço momentos de grande significância para o entendimento de parte da História

da Capitania de Pernambuco e do Brasil. Para esta empreitada houve novas alianças, diferente das ocorridas em 1595. O Comando Militar do Nordeste, a 7a Região Militar, a FUNDAJ e o Laboratório de Arqueologia do Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, em um trabalho conjugado e harmônico, viabilizaram uma escavação arqueológica no interior do Forte do Brum.

A pesquisa arqueológica revelou alguns vestígios que contribuíram para o maior entendimento desta fortificação. Foram encontrados pregos que provavelmente sustentaram as tábuas de contenção das muralhas; louças que permitiram resgatar informações quanto ao cotidiano dos diferentes ocupantes do forte; projéteis, que passaram nas mãos de atacantes e de defensores; cachimbos, tanto holandeses quanto portugueses, que devem ter minimizado as horas de preocupação; peças de jogos, que devem ter ocupado os guerreiros em momento de trégua; a cacimba, que se encontrava totalmente soterrada, mas que à época garantiu o abastecimento de água. Enfim, diversos outros elementos que possibilitaram reconstituir parte da história desta fortificação.

Atualmente, como Museu Militar do Forte do Brum, em homenagem ao Soldado Nordestino, preserva para o porvir, o passado de lutas vivenciadas no período colonial do Brasil.

A sua manutenção, como local de estudos e reflexão, contribui para a formação da cidadania, pois, uma sociedade que não conhece o seu passado não tem perspectiva de futuro.

MUSEU MILITAR DO FORTE DO BRUM
Praça Comunidade Luso-Brasileira, s/n
Bairro do Recife - CEP: 50.030-280 - Recife - PE
Telefax (081) 224.4620

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos. Forte do Brum. In: **Museu Militar do Forte do Brum**. Recife: Museu Militar do Forte do Brum, [200-].